

SOBRE O PERTENCIMENTO NA POESIA DE JOSEPH VON EICHENDORFF

DIONEI MATHIAS*

RESUMO

Joseph von Eichendorff é um dos mais importantes poetas do Romantismo de expressão alemã. Muitos de seus poemas, repletos de imagens da natureza e tempos passados, abordam uma experiência bem contemporânea: a busca pela sensação de pertencimento. Este artigo pretende discutir como a voz lírica administra esse anseio, como o desejo erótico representa um risco e, por fim, o papel da memória nesse contexto. Nos três poemas analisados, encontramos três etapas diferentes dessa busca. O resultado em todas elas é a ausência de pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: Eichendorff; poesia; pertencimento.

INTRODUÇÃO

Joseph von Eichendorff nasceu em 1788 e faleceu em 1857, na Silésia, região histórica que se estende pela Alemanha, República Checa e Polônia. Ao lado de Novalis, Clemens Brentano ou E. T. A. Hoffmann, Eichendorff é um dos principais representantes do Romantismo de expressão alemã. Ao contrário, contudo, de outros escritores desse período literário, Eichendorff ainda não teve uma recepção substancial por parte de tradutores e críticos brasileiros. Assim, nenhum de seus poemas figura nas antologias de Kempf (1981), Meurer (1995) ou Ganz (2004). Campos (1960), por sua vez, reproduz somente dois poemas: “Calma do mar”

* Professor da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: dioneimathias@gmail.com.

(p. 210) e “A noite” (p. 212), e em Portugal, por fim, Caeiro (1983, p. 261) menciona Eichendorff em sua história da poesia alemã, sem contudo trazer seus poemas. Com a tradução do conto “Sortilégio de outono” publicado na coletânea *Contos fantásticos do século XIX* (EICHENDORFF, 2004, p. 33-47) e da novela *Da vida de um imprestável* (EICHENDORFF, 2014), esforços importantes foram empreendidos para iniciar um processo de recepção desse autor no Brasil. Outra contribuição importante nesse cenário se deu com a dissertação de Nathaschka Martiniuk Liebest Polycarpo, que analisa a poesia de Eichendorff a partir do conceito de melancolia, com base em cinco poemas (“Wehmut”, “Sehnsucht”, “Im Herbst”, “Wehmut”, “Mondnacht”). Como Polycarpo afirma (2016, p. 10), trata-se de um autor “pouco conhecido e estudado no Brasil”.

A melancolia definitivamente é uma configuração anímica recorrente na poesia de Joseph von Eichendorff. Em muitos de seus poemas, ouve-se a voz de um eu lírico que indica a ausência de algo que o impede de estabelecer um estado emocional satisfatório. Com frequência, o leitor se depara com uma voz lírica tomada pela ânsia, pelo desejo e pelo querer. Ao mesmo tempo, reiteram-se imagens de um elo perdido, cujo rumorejar permanece indecifrável nas recorrentes tentativas de ler o mundo por parte da voz lírica. Com foco nesse elo perdido, o objetivo deste artigo se distancia da melancolia – produto de uma determinada configuração existencial – e passa a refletir sobre essa ausência, argumentando que ela reside no desejo de pertencimento.

Para Baumeister (1995), o pertencimento representa uma das motivações fundamentais de qualquer ser humano. Essa motivação representa uma força inicial que se intensifica de tal forma, a ponto de mover o sujeito a tomar decisões e transformá-las em ações. Nessa gênese de energia acional, o desejo por pertencimento assume um papel central, impelindo o sujeito a organizar atitudes, comportamentos e ações, de modo a garantir seu acesso às diversas fontes que proporcionam modalidades de afiliação anímica. Com isso, o pertencimento parece representar um recurso existencial de muita importância, já que envolve um dispêndio de energia substancial para sua aquisição. Para Baumeister (1995), um dos

motivos para a importância atribuída a esse recurso reside na promessa de obtenção de interações prazerosas. Numa formulação mais categórica, pertencimento é uma fonte de prazer, representando provavelmente a experiência mais cobiçada por qualquer sujeito e que o move a organizar todos os estratos de sua identidade pessoal nessa direção. Isso também significa que toda organização afetiva e cognitiva, a partir da qual o sujeito se apropria do mundo, está voltada para a identificação e obtenção de posições que garantam o pertencimento.

Na história da evolução humana, o pertencimento teve um papel de destaque, uma vez que os laços de afiliações ofereciam ao sujeito maior proteção contra influxos animosos, ao mesmo tempo em que representavam uma base que amorteciam quedas de todas as espécies. Assim, o sujeito fragilizado podia contar com o cuidado daqueles, com os quais anteriormente construía alguma forma de afiliação. Pertencimento, portanto, implica que outros estão dispostos a assumir responsabilidade por aquele que pertence ao grupo e investir energia em seu bem-estar. Essa disposição para o investimento de energia no bem alheio obviamente varia de acordo com a intensidade dos laços que unem diferentes atores sociais. Ao sair em busca de formas de pertencimento, o sujeito procura também por pactos de auxílio mútuo, a fim de desenvolver um capital social que lhe permita ter segurança e um influxo regular de atenção e afetos positivos.

Outro elemento de impacto na procura por pertencimento é a formação de sentido. Segundo Stillman e Baumeister (2009), além da administração de incerteza, o desejo por pertencimento motiva a formação de sentido. Provavelmente é possível afirmar que uma característica do ser humano é a necessidade de uma malha firme e bem tecida de sentidos. Muitas de suas ações estão voltadas para assegurar que os acontecimentos que surgem em seu universo pessoal possam ser concatenados de forma causal, com o objetivo de evitar a sensação de contingência e vazio existencial. A ausência de sentido parece representar um risco substancial de paralisação, por isso o sujeito precisa aprender a desenvolver estratégias que lhe permitam processar informações de modo a enquadrá-las num

sistema ordenado, do qual possa depreender sentido. O pertencimento oferece uma narrativa, a partir da qual o sujeito pode organizar o mundo e enfeixar satisfatoriamente todos os acontecimentos que de alguma forma adentram seu espaço acional, incluindo e excluindo elementos com base na segurança fornecida pelo princípio da afiliação.

Essa intensificação do sentido com base no pertencimento acontece de diversas formas (STILLMAN; BAUMEISTER, 2009, p. 249). Antes de mais nada, ela surge da certeza de uma finalidade existencial que o indivíduo obtém, quando investindo atenção e afeto assume responsabilidade por uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma causa ideológica. Com esse arraigamento social, há uma intensificação na autoestima, estimulando a certeza de que as ações estão organicamente legitimadas. Por fim, a sensação de controle sobre os acontecimentos e o futuro é intensificada, dado que o sujeito, mesmo fracassando, não sofre quedas abruptas na produção de sentido. Com isso, pertencimento parece oferecer prazer, proteção, obtenção de afeto e atenção, permitindo simultaneamente a produção de uma tessitura de sentido sem instabilidades excessivas.

Na obra de Joseph von Eichendorff, muitos poemas parecem indicar essa busca por pertencimento, ou seja, por um lugar de estabilidade afetiva e de sentido. Essa busca, contudo, remete constantemente a um elo perdido, a uma lacuna que impede a voz lírica de encontrar um lugar de afiliação entre os atores sociais que compõem suas interações. Nesse sentido, este artigo tenta reconstruir os caminhos trilhados pela voz lírica em busca de pertencimento, refletindo sobre o anseio como sensação que representa essa busca (1), sobre o papel do desejo e seus riscos para o sujeito (2) e, por último, sobre a memória e suas possibilidades de reestruturação discursiva do passado. Em todos esses vetores, a voz lírica busca o pertencimento e as sensações derivadas dela.

1. SOBRE O ANSEIO E SUA PROMESSA

Uma atmosfera anímica que tem certa recorrência na poesia de Joseph von Eichendorff é o anseio (HINCK, 2000; LÄMMERT, 1989).

Em vários poemas, a voz lírica se encontra numa situação que deseja irromper por não lhe proporcionar uma configuração existencial em consonância com aquilo que procura consciente, ou na maioria das vezes, inconscientemente. Algo a impele a deixar seu posicionamento geográfico em que se encontra, com suas exigências definidas e seu pacote de identidade definido, para experimentar novas formas de concretizar a existência. Isso fica especialmente evidente no poema “Frische Fahrt” (EICHENDORFF, 2017), traduzido de formal literal e sem recriação dos elementos formais pelo autor deste artigo:

Frische Fahrt

Laue Luft kommt blau geflossen,
Frühling, Frühling soll es sein!
Waldwärts Hörnerklang geschossen,
Mutger Augen lichter Schein;
Und das Wirren bunt und bunter
Wird ein magisch wilder Fluß,
In die schöne Welt hinunter
Lockt dich dieses Stromes Gruß.

Und ich mag mich nicht bewahren!
Weit von euch treibt mich der Wind,
Auf dem Strome will ich fahren,
Von dem Glanze selig blind!
Tausend Stimmen lockend schlagen,
Hoch Aurora flammend weht,
Fahre zu! Ich mag nicht fragen,
Wo die Fahrt zu Ende geht!

Viagem viçosa

Tépido ar vem fluindo azul,
Primavera, primavera é pra ser!
À floresta lançado, o som de corneta,
De olhos corajosos, brilho claro;
E o caos colorido e mais colorido
Se torna um mágico rio selvagem,
Para baixo, ao belo mundo,
Te chama a saudação dessa correnteza.

E eu não quero/ consigo me conter!
Para longe de vocês me impele o vento,
Nessa correnteza quero navegar,
Do brilho felizmente cego!
Mil vozes atraindo entoam,
No alto Aurora chamejando sopra,
Vai! Eu não quero perguntar
Onde a viagem vai terminar!

Basicamente se trata de uma voz lírica que se encontra num espaço caracterizado pela irrupção vital da primavera. Inebriada pela natureza que a circunda, essa voz se dispõe a partir, seguindo algo que exerce uma atração irresistível sobre seu princípio de volição. Nesse poema, não há qualquer indicação de um estado de descontentamento, tampouco há traços de desalento, dos quais o sujeito quisesse se libertar. Pelo contrário, o vigor da

natureza que desabrocha com toda sua intensidade contagia o espírito da voz lírica e a estimula a sair em busca desse espaço que promete a obtenção do prazer. É importante salientar que o eu lírico desse poema não está interessado primeiramente na manutenção de um estado, ou seja, em garantir a permanência numa situação prazerosa ou em isolar, no sentido de capturar o momento, como possivelmente seria o caso no poema XVIII de Shakespeare, no qual a voz lírica encontra na arte um lugar de permanência e prazer no além da passagem no tempo. O que configura as ações da voz lírica do poema de Eichendorff parece ser o desejo de ir em busca daquilo que a natureza está ilustrando, para com isso encontrar a fonte de pertencimento e prazer.

A escolha lexical, em grande parte, reforça e atualiza o sema de movimento, cujo escopo semântico se encontra delimitado por conta do léxico utilizado nesse campo semântico. Trata-se de um movimento com grande ímpeto de energia como sugerem os lexemas “lançado” (V3, E1), “rio” (V6, E1), “vento” (V10, E2), “correnteza” (V8, E1), “vai” (V15, E2) e com uma multiplicidade de direção, o que parece ser atualizado por lexemas como “vem fluindo” (V1, E1), “em direção à floresta” (V3, E1), “para baixo” (V7, E1), “impele” (V10, E2) ou “chamejando” (V14, E2). Com isso, o autor recria a partir do léxico o desabrochar da natureza setentrional em toda sua vitalidade, reforçando isso por meio da rima alternada e do ritmo trocaico, o que parece aumentar a velocidade de leitura do poema e sua organicidade. Nesse movimento, há claramente um deslocamento do sujeito da fala. No segundo verso da segunda estrofe, diz “para longe de vocês me impele o vento”. No plano da denotação, esse deslocamento poderia simplesmente representar um alteração passageira de posicionamento dentro do espaço da natureza. No plano conotativo e simbólico, contudo, o deslocamento parece residir justamente na afiliação ou no pertencimento. Isto é, o conjunto de valores e de narrações identitárias possíveis, em cujo centro discursivo se encontra o grupo representado pelo pronome “euch/vocês”, perde seu poder sobre as ações e autoconcepções do sujeito da fala. Em oposição a esse grupo se materializa um chamado que oferece outra concepção de realidade e identidade, à qual a voz lírica se sente atraída.

Esse chamado é reforçado pela intensidade do desabrochar da natureza, cujo vigor se espalha em todas as direções e estimula também a voz lírica. Esta parece se distanciar de espaço hibernar em direção à primavera, ou seja, da estagnação do vivo para a afirmação da dinâmica existencial. No poema há outras indicações lexicais que corroboram o campo semântico do chamado: “o som de corneta” (V3, E1), “te chama a saudação” (V8, E1), “mil vozes atraindo entoam” (V5, E2). As impressões auditivas produzidas pelo som da corneta, pelo barulho da correnteza e por uma infinidade de impressões que a voz lírica já não especifica, a impelem a abandonar o lugar de origem em direção a um novo espaço que promete oferecer o vigor e a vitalidade da natureza primaveril. Com isso, pertencimento se compreende aqui como metáfora espacial, isto é, pertencer parece significar estar posicionado num lugar (de arraigamento social, de concepção ideológica de realidade, de projeto de identidade e concretização existencial ou simplesmente de obtenção de prazer).

O deslocamento empreendido pela voz lírica não representa um movimento cujas coordenadas estão claramente definidas, ou melhor, não há um objetivo concreto em vista. Em seu lugar, o sujeito se vê confrontado com um anseio. Este o impele, sem que o eu lírico soubesse onde de fato deseja chegar. Na tessitura lexical construída por meio de palavras como “azul” (V1, E1), “caos” (V5, E1), “mágico” (V6, E1), “do brilho felizmente cego” (V4, E2) há a atualização de semas do onírico e do não concreto. O espaço adentrado pela voz lírica – no plano simbólico o espaço do anseio por trás do qual se encontra a promessa de pertencimento – não apresenta a concretude da realidade cotidiana, trata-se antes de um espaço talvez tipicamente romântico caracterizado pela mescla de discursos (KREMER, 2007) e que desconstrói as fronteiras entre a magia e a realidade pragmática da experiência palpável.

Atrelada à indefinição do espaço, em direção do qual o eu lírico se movimenta, encontra-se também a incontrolabilidade dos resultados desse deslocamento. Em versos como “rio selvagem” (V6, E1), “e eu não quero/consigo me conter” (V1, E2), “para longe de vocês me impele o vento” (V2, E2), “nessa correnteza quero viajar” (V3, E2) e “eu não quero

perguntar onde a viagem vai terminar” (V7 e V8, E2), um sema recorrente parece ser o incontrolável daquilo que vai acontecer, no momento que o sujeito opta por esse caminho. A despeito do perigo e da incerteza expressada pela voz lírica, esta prefere não paralisar o início do deslocamento por meio da supressão de ações. Aqui é importante salientar que o verbo “mag” (V1, E2), de acordo como Dicionário Grimm, pode significar tanto “desejar” como “poder” (vermögen) no sentido da habilidade. A instabilidade semântica ou sua ambiguidade mostra, por um lado, um sujeito impelido pela força da natureza e, por outro, indica uma voz que anseia por uma nova configuração de pertencimento.

2. O DESEJO E SEUS RISCOS

No primeiro poema discutido, encontramos um eu lírico em vias de deslocamento, à procura de um novo espaço de pertencimento. Já no segundo, “Der irre Spielmann” (EICHENDORFF, 2017), existe a voz de um sujeito que deixou seu espaço inicial de socialização, foi em busca de novas coordenadas de prazer, fez uma série de experiências e, no poema, reflete numa espécie de analepse sobre os acontecimentos que irromperam em seu universo.

Der irre Spielmann

Aus stiller Kindheit unschuldiger Hut
Trieb mich der tolle, frevelnde Mut.
Seit ich da draußen so frei nun bin,
Find ich nicht wieder nach Hause mich hin.

Durchs Leben jag ich manch trügrisch Bild,
Wer ist der Jäger da? Wer ist das Wild?
Es pfeift der Wind mir schneidend durchs Haar,
Ach Welt, wie bist du so kalt und klar!

Du frommes Kindlein im stillen Haus,
Schau nicht so lüstern zum Fenster hinaus!
Frag mich nicht, Kindlein, woher und wohin?
Weiß ich doch selber nicht, wo ich bin!

O jogral demente

Da silenciosa infância de proteção inocente,
Me impeliu a insana, sacrílega coragem.
Desde que lá fora tão livre agora estou,
Não mais encontro o caminho para casa.

Na vida caço diversas imagens enganosas,
Quem é o caçador? Quem é a presa?
Assobia o vento cortando por meu cabelo
Ah mundo, como és tão frio e claro!

Tu criancinha devota na casa silenciosa,
Não olhe tão concupiscente para fora da janela!
Não me pergunte, criancinha, de onde e para onde?
Pois eu mesmo não sei, onde estou!

Von Sünde und Reue zerrissen die Brust,
Wie rasend in verzweifelter Lust,
Brech ich im Fluge mir Blumen zum Strauß,
Wird doch kein fröhlicher Kranz daraus! –

Ich möchte in den tiefsten Wald wohl hinein,
Recht aus der Brust den Jammer zu schrein,
Ich möchte reiten ans Ende der Welt,
Wo der Mond und die Sonne hinunterfällt.

Wo schwindelnd beginnt die Ewigkeit,
Wie ein Meer, so erschrecklich still und weit,

Da sinken all Ström und Segel hinein,
Da wird es wohl endlich auch ruhig sein.

De pecado e arrependimento dilacerado o peito,
Como ensandecido em prazer desesperado,
Quebro às pressas flores para um buquê,
Mas não se transformará numa grinalda alegre! –

Quero entrar bem na mais profunda floresta
Com força, do peito, a miséria gritar,
Quero cavalgar até o fim do mundo,
Onde a lua e o sol despencam.

Onde vertiginosamente começa a eternidade,
Como um mar, tão assustadoramente silenciosa
[e grande,
Lá afundam todas correntezas e velas.
Lá decerto também será por fim tranquilo.

O título do poema indica um estado de fragilização da voz lírica. As aventuras e, sobretudo, as emoções experimentadas não a fizeram encontrar um lugar de residência fixa ou pertencimento, ao invés disso, há um sujeito destruído que volta seu olhar para o passado e constata que cometeu uma série de erros. Nesse acerto de contas com o passado, insere recomendações para outros que, como ele, anseiam por outros lugares de permanência. Nisso o eu lírico contrapõe modalidades de pertencimento e reflete sobre os riscos do desejo para a concretização existencial. De certa forma, esse segundo poema parece dar continuidade ao primeiro, apresentando outro quadro emocional do sujeito da fala.

A primeira estrofe constrói a imagem de dois espaços de pertencimento: a casa e o lugar distante. Nesse contexto, o espaço inicial de socialização está atrelado ao campo semântico da infância, atualizando imagens de proteção e inocência. Quando o eu lírico volta seu olhar para esse espaço, ele o semantiza a partir da sua localização temporal atual como lugar que oferecia um potencial de pertencimento sem os impactos e as marcas da dor. Em oposição a isso, o lugar atual lhe oferece liberdade (V3, E1), possivelmente por estar livre das imposições sociais que surgem num círculo social regrado, com suas responsabilidades e deveres.

Contudo, a indicação local “lá fora” (V3, E1) deixa presumir que, a despeito da liberdade e do maior escopo de ação, o eu lírico não encontrou o pertencimento almejado e agora vislumbrado no lugar que abandonou.

Tanto na primeira como na segunda estrofe, a voz lírica indica prováveis motivações que o levaram a procurar seu pertencimento em outro lugar. Em parte ele justifica seu comportamento com uma coragem que aqui assume conotações negativas: “Me impeliu a insana, sacrílega coragem” (V2, E1), já que parece ter dominado o sujeito de tal forma, a ponto de arremessá-lo à destruição. Com isso, questiona a autonomia da escolha, o que se vê reforçado na segunda estrofe, onde reflete sobre a possível ilusão da autonomia da ação, perguntando-se se não seria a “presa”, quando imaginava ser o “caçador” (V2, E2). Ao tentar compreender o que o levou ao erro, encontra uma explicação nas “imagens enganosas” (V1, E2). De certo modo, é possível imaginar que são justamente as imagens que o levaram a partir no primeiro poema analisado, imagens, portanto, que continham uma promessa substancial de prazer e pertencimento. Os dois últimos versos da segunda estrofe voltam para o presente da “diegese” do poema e atualizam a imagem do vento, agora não como uma força motriz que acelera a partida, mas como um elemento que reforça a solidão e a ausência de sentido experimentados pelo eu lírico, sendo assim uma imagem muito semelhante àquela que Hölderlin utiliza para finalizar seu poema “Metade da vida”.

Do lado de fora da casa, em meio ao vento gelado e sem qualquer proteção, a voz lírica direciona o seu olhar, na terceira estrofe, para um receptor que, a julgar pelo epíteto “criancinha” (V1, E3), se encontra o início da vida e experimenta o mesmo anseio de partir que outrora a voz lírica também tivera. Ao contrário do eu lírico, o receptor a quem dirige sua fala se encontra dentro da casa, num espaço marcado pela proteção e pela segurança do pertencimento a uma configuração social. A partir da experiência da fragilização existencial, a voz lírica lhe recomenda frear seu desejo pelo mundo exterior e rever sua inclinação de tomar o viajante como exemplo a emular, uma vez que não tem respostas a oferecer sobre seu destino. Até aí a palavra “concupiscente” (V2, E3) se encontra insuficientemente

definida, permanecendo vaga na recomendação da voz lírica. Seu escopo semântico somente é plenamente desenvolvido, na próxima estrofe, quando no plano simbólico se atualiza um campo semântico com foco no desejo erótico. Nos versos iniciais do quarta estrofe, o eu lírico volta sua atenção novamente para seu universo pessoal, mencionando sua imersão em “pecado”, “arrependimento” e “prazer desesperado” e terminando seu raciocínio, nos versos seguintes, com a imagem metafórica em torno da flor e do buquê. Esse complexo imagético já tinha sido usado por Goethe no poema “Heidenröslein”, indicando todo o potencial destrutivo do desejo erótico descontrolado. Mais tarde no poema “Gefunden”, Goethe o reescreve inserindo o desejo erótico num processo civilizatório, em que o sujeito, no lugar de arrancar a flor, a transplanta para o seu jardim. Nisso, a voz lírica do poema de Goethe não abre mão do prazer, mas esse prazer acaba atrelado a um pacto de pertencimento. Não é isso que acontece no poema de Eichendorff. Por mais flores que arranque, estas não se transformam numa coroa de flores enlaçadas num projeto comum duradouro. Se o desejo e o prazer erótico em algum momento prometeram pertencimento existencial, a voz lírica se vê forçada a constatar que não o obteve. Com efeito, o que surgiu da procura desesperada pelo prazer foi um sujeito fragilizado e imerso na solidão, o que fica ainda mais evidente diante da discrepância entre as rimas emparelhadas que sugerem harmonia e o conteúdo que revela a ausência de pertencimento sofrida pela voz lírica.

Essa ausência volta a ser abordada nas últimas duas estrofes do poema. Diante da impossibilidade de pertencer a qualquer lugar, o que lhe resta é a fuga. Volta aqui a imagem da correnteza, que no poema anterior representava uma promessa. De certo modo, também o faz neste poema, no qual se sugere que a foz na qual cai a correnteza possa finalmente ser o lugar da tranquilidade. É possível entender essa metáfora como morte, portanto, o término de todos anseios. Interessantemente, a voz lírica relativiza essa certeza ao inserir o advérbio “decerto”. Com isso, nem a partida ao mundo, nem a experiência erótica, nem a morte representam garantias de pertencimento. O que resta é um sujeito arremessado na solidão.

3. A MEMÓRIA COMO ALTERNATIVA

O primeiro poema foca no futuro, o segundo analisa o presente, o terceiro, “In der Fremde” (EICHENDORFF, 2017), a ser discutido neste segmento, aborda o passado. Ao voltar seu olhar para o passado, a voz lírica mais uma vez reflete sobre a organização discursiva de sua narrativa pessoal e procura por indícios que de alguma forma possam lhe auxiliá-lo no processo de obtenção de pertencimento. O título do poema indica que a voz lírica não se encontra no espaço da socialização inicial, isto é, está longe de casa. Seu novo local de residência, contudo, não lhe fornece a integração desejada, permanecendo estranho ao local que escolheu para centrar sua existência. Diante dessa limitação e da impossibilidade do retorno a uma narrativa que esteja em consonância com as necessidades do eu lírico, o que lhe resta é recorrer à memória, com o propósito de encontrar aquilo que experimenta como ausência palpável em sua realidade.

In der Fremde

Ich hör die Bächlein rauschen
Im Walde her und hin,
Im Walde in dem Rauschen
Ich weiß nicht, wo ich bin.

Die Nachtigallen schlagen
Hier in der Einsamkeit,
Als wollten sie was sagen
Von der alten, schönen Zeit.

Die Mondeschimmer fliegen,
Als sah ich unter mir
Das Schloß im Tale liegen,
Und ist doch so weit von hier!

Als müßte in dem Garten,
Voll Rosen weiß und rot,
Meine Liebste auf mich warten,
Und ist doch lange tot.

Longe de casa

Ouço os riachos rumorejarem
Na floresta aqui e acolá,
Na floresta no rumorejar
Eu não sei onde estou.

Os rouxinóis cantam
Aqui na solidão,
Como se quisessem dizer algo
Do velho, belo tempo.

Os cintilares da lua voam,
Como se visse embaixo de mim
O castelo no vale deitado,
E, contudo, está tão longe daqui!

Como se devesse no jardim,
Cheio de rosas brancas e vermelhas,
Minha amada esperar por mim,
E, contudo, há muito já está morta.

No primeiro poema são as impressões auditivas que desencadeiam no eu lírico um processo de reflexão sobre seu lugar no mundo. Novamente, essa voz se encontra em meio à natureza, ouvindo o rumorejar das águas que serviram de metáfora para a promessa de futuro. Naquele contexto, tratava-se de uma “correnteza”, cheia de vitalidade e vigor que convidava a voz lírica a sair em busca do grande mundo. Neste, encontramos um “riacho”, muito mais contido no seu potencial de energia e que não arrebatava mais o eu lírico. No lugar de transportá-lo para um projeto de futuro, agora o leva a memórias do passado, reatando de certo modo com o caminho iniciado no primeiro poema. No poema, ainda foi utilizada a indicação local “para baixo” quando se falava da correnteza, conotando perigo, mas também um claro deslocamento espacial em direção a um lugar desejado. Aqui, a indicação local volta a aparecer, também no contexto do riacho, mas “aqui e acolá” revela um sujeito que não enxerga nas águas um caminho de mudança. Pelo contrário, mostra alguém que parece ter perdido completamente a orientação, já não podendo mais concatenar de modo causal os sentidos oferecidos pelo espaço. O último verso da primeira estrofe resume de forma explícita aquilo que foi dito nos três versos anteriores por meio de um conjunto imagético: o eu lírico não sabe onde se encontra, tanto no sentido de orientação geográfica quanto no que concerne à existência e ao pertencimento.

A inabilidade de transformar informações do espaço ao redor em sentido específico para o sujeito também volta a ser abordada na segunda estrofe. Os rouxinóis, símbolo do amor, aparecem aqui como emissores, mas a mensagem emitida não parece ser decodificável para a voz lírica como receptor. Nisso, o eu lírico ainda conecta o canto do rouxinol ao amor, porém não projeta seus sentidos para o presente ou mesmo para o futuro. No lugar disso, o atrela ao passado, ao “velho, bom tempo”. Com isso, o lugar do prazer e do pertencimento já não se encontra na esfera do imaginável para o futuro, pelo contrário, é algo que está fora de seu alcance, pertencendo estritamente ao passado.

Em todo o poema há um recorrência do sema harmonia. Isso se dá no plano formal, por conta da estruturação rítmica e das rimas alternadas,

assim como pela utilização de uma tessitura lexical que atualiza essa ideia em sememas como “riacho”, “floresta”, “rumorejar”, “rouxinóis”, “cintilares da lua”, “jardim” ou “rosas”. Toda a estruturação semântico formal contrasta com o fato de que o eu lírico desse poema se encontra numa crise existencial de tamanha envergadura, que toda a estrutura formal e todo o campo semântico se revelam como vazios, reforçando ainda mais a ausência completa da sensação de pertencimento por parte da voz que fala o poema.

Nas quatro estrofes, encontramos uma estrutura harmônica, acompanhada de palavras semanticamente densas, com conotações de harmonia e esperança, porém o último verso de cada um dos complexos imagéticos desenvolvidos, desconstrói o potencial de pertencimento. Na primeira estrofe, o eu lírico não sabe onde está, na segunda, os rouxinóis cantam, mas o cantar deles não faz nenhum sentido para o receptor. Na terceira, o castelo, um importante símbolo de casa e lar para Eichendorff, está longe e inalcançável. Na última, o eu lírico acha que deveria encontrar a amada, para finalmente constatar que ela está morta. Em todos esses complexos imagéticos, há um movimento de busca por arraigamento existencial, isto é, por pertencimento. Todavia, em todos, o pertencimento lhe é negado.

Diante desse cenário em ruínas, o que resta à voz lírica é a memória do passado. Há uma constante tentativa de reaver o elo perdido com um passado que era promissor e intacto. Essa mesma estratégia está igualmente presente em vários outros poemas de Eichendorff: “Die Heimat. An meinen Bruder”, “Heinweh”, “Vorbei” ou “Wehmut”. Por mais que o eu lírico procure encontrar um lugar de permanência nas suas memórias, ele jamais obtém a sensação de pertencimento. Há sempre um hiato, uma ruptura que impede o sujeito da fala de encontrar seu lugar no mundo. Possivelmente, o único poema no qual a voz lírica alcança isso, é “Mondnacht”. De resto, permanece a solidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem da melancolia que caracteriza a poesia de Joseph von Eichendorff muito possivelmente reside na ausência da sensação de

pertencimento. Em diversos poemas, a voz lírica empreende uma busca por essa sensação, deparando-se de forma reiterada com um elo perdido que impede o estabelecimento de uma residência fixa no sentido geográfico, mas sobretudo, no sentido identitário existencial. Os três poemas discutidos neste artigo ilustram três momentos diversos dessa busca, revelando em todos eles um sujeito marcado pela inquietação e pela condição de nômade do sentido.

No primeiro poema, a voz lírica se encontra inspirada pelo vigor da natureza e decodifica esses signos como um chamado para a partida. Tomada por um anseio de descobrir novos espaços de pertencimento, a voz lírica deseja arremessar-se à correnteza, a despeito de todos os riscos vislumbrados. No segundo poema, o eu lírico retorna para casa e se depara com alguém que está tomado pelo mesmo anseio. No lugar do otimismo e do ímpeto de irrupção, o leitor encontra uma voz que relata seu fracasso, chamando a atenção especialmente para as falsas promessas da eroticidade, que, por sua vez, não lhe concede a sensação de pertencer a algum lugar. No terceiro e último poema, a voz lírica administra suas memórias, concatenando discursivamente o caminho da busca por pertencimento e seu subsequente fracasso. Nisso, a memória surge como único lugar de permanência, um lugar que não logra amenizar o impacto da solidão.

.....

ON BELONGINGNESS IN JOSEPH VON EICHENDORFF'S POETRY

ABSTRACT

Joseph von Eichendorff is one of the most important poets of German Romanticism. Many of his poems, full of images of nature and past times, portray a very contemporary experience: the search for belongingness. This article aims to discuss how the speaker deals with this longing, how erotic desire can represent a risk and, at last, the role of memory in this context. In the three poems analysed in this article, we will find three different steps of this search. In all of them, the outcome is the absence of belongingness.

KEYWORDS: Eichendorff; poetry; belongingness.

SOBRE LA PERTENENCIA EN LA POESÍA DE JOSEPH VON EICHENDORFF

RESUMEN

Joseph von Eichendorff es uno de los más importantes poetas del Romanticismo de lengua alemana. Muchos de sus poemas, llenos de imágenes de la naturaleza y de tiempos pasados, traen una experiencia bien contemporánea: la búsqueda por la sensación de pertenencia. Este artículo tiene por finalidad discutir cómo el yo lírico administra este anhelo, cómo el deseo erótico representa un riesgo y, finalmente, el papel de la memoria en este contexto. En los tres poemas analizados en este artículo, encontraremos tres diferentes fases de esa búsqueda. En todos, el resultado es la ausencia de la sensación de pertenencia.

Palavras clave: Eichendorff; poesía; pertenencia.

REFERÊNCIAS

BAUMEISTER, Roy. The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *American Psychological Association*, v. 117, n. 3, p. 497-529, 1995.

CAEIRO, Olívio. *Oito séculos de poesia alemã*: antologia comentada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

CAMPOS, Geir. *Poesia alemã*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1960.

EICHENDORFF, Joseph von. Sortilégio de outono. Tradução de José Marcos Macedo. In: CALVINO, Italo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 33-47.

_____. *Da vida de um imprestável*. Tradução Fernando Miranda. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2014.

_____. *Gedichte*. 2017. Disponível em: < <http://gutenberg.spiegel.de/buch/joseph-von-eichendorff-gedichte-4294/1>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

GANZ, Vitor Volker (Org.). *Da poesia alemã: uma seleção pessoal*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

HINCK, Walter. *Stationen der deutschen Lyrik: Von Luther bis in die Gegenwart – 100 Gedichte mit Intepretationen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.

KEMPF, Roswitha. *A poesia alemã: breve antologia*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981.

KREMER, Detlef. *Romantik*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2007.

LÄMMERT, Eberhard. Eichendorffs Wandel unter den Deutschen. Überlegungen zur Wirkungsgeschichte seiner Dichtung. In: STEFFEN, Hans (Ed.). *Die Deutsche Romantik. Poetik, Formen und Motive*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. p. 219-252.

MEURER, Flávio. *Amor, paixão e ironia*. Poesia alemã do século 19 selecionada e traduzida por Flávio Meurer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

POLYCARPO, Nathaschka Martiniuk Liebest. *Ruínas em ruídos: modulações da melancolia em poemas de Josef von Eichendorff*. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

STILLMAN, Tyler F.; BAUMEISTER, Roy F. Uncertainty, Belongingness, and Four Needs for Meaning. *Psychological Inquiry*, v. 20, n. 4, p. 249-251, Oct./ Dec. 2009.

Submetido em 01 de agosto de 2017

Aceito em 02 de outubro de 2017

Publicado em 26 de janeiro de 2018
